



EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DE UMA ESCOLA PRIVADA DE CAMPO GRANDE – MS

Thiago Henrique da Silva Benites

thiagohenriquebenites@gmail.com

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

II Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG 2022

Resumo: *A escola é um espaço perfeito para a promoção da Educação Ambiental, mas, quando vivenciado o dia a dia escolar é possível perceber que na realidade as propostas não se materializam. Dentro desta perspectiva, este artigo apresenta os resultados do estudo que buscou identificar a concepção de Educação Ambiental dos professores do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola privada de Campo Grande – MS. A pesquisa teve uma abordagem qualitativa e se caracteriza como um estudo descritivo e explicativo. As reflexões dos dados, levantados por meio de questionários, foram feitas a partir dos autores que trabalham com a perspectiva da Educação Ambiental crítica. Os resultados apontam para a necessidade de formação específica para os professores colocarem em prática a Educação Ambiental crítica e transformadora.*

Palavras-chave: *Concepção ambiental; Ensino Fundamental II; Formação de Professores*

Abstract: *The school is a perfect space for the promotion of Environmental Education, but when experiencing the day to day school it is possible to realize that in reality the proposals do not materialize. From this perspective, this article presents the results of the study that sought to identify the concept of Environmental Education of the teachers of the 7th grade of Elementary School in a private school in Campo Grande - MS. The research had a qualitative approach and is characterized as a descriptive and explanatory study. The reflections of the data, raised through questionnaires, were made from the authors who work with the perspective of Critical Environmental Education. The results point to the need for specific training for teachers to put into practice the critical and transformative Environmental Education.*

Keywords: *Environmental perception; Elementary School II; Teachers education;*

Resumen: *La escuela es un espacio perfecto para la promoción de la Educación Ambiental, pero al vivir el día a día de la escuela, es posible percibir que en la realidad las propuestas no se concretan. En esa perspectiva, este artículo presenta los resultados del estudio que buscó identificar la concepción de Educación Ambiental de los profesores del 7º año de la Enseñanza Fundamental de una escuela privada de Campo Grande - MS. La investigación tuvo un enfoque cualitativo y se caracteriza por ser un estudio descriptivo y explicativo. Las reflexiones de los datos, recogidos a través de cuestionarios, fueron realizadas por los autores que trabajan con la perspectiva de la Educación Ambiental crítica. Los resultados*



apuntan a la necesidad de una formación específica para que los docentes pongan en práctica la Educación Ambiental crítica y transformadora.

Palabras clave: *Diseño ambiental; Escuela Primaria II; Formación de profesores.*

1. INTRODUÇÃO

A escola pode ser um espaço de Educação Ambiental (EA), de sensibilização dos alunos na busca por valores que conduzam a uma convivência harmoniosa com o ambiente e com as demais espécies que habitam o planeta, promovendo a consciência crítica e atividades que estimulam atitudes de cuidado (MAZZARINO; ROSA, 2013).

Alguns autores como Reigota (1994), Tristão (2004) e Sauvé (2005) apresentam a escola como um espaço perfeito para promoção da Educação Ambiental, mas quando vivenciado o dia a dia escolar é possível perceber que na realidade as propostas não se materializam.

Diante dessa realidade, é impossível não levantar diferentes suposições para conseguir entender tal comportamento e as respostas podem ser as mais variadas, partindo do currículo escolar adotado pela instituição, até a vontade e competência do professor em trabalhar dentro da perspectiva da Educação Ambiental.

Para orientar a EA no ensino formal e não formal temos como referência a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que implementa a Política Nacional de Educação Ambiental. Em seu artigo 1º traz a definição da Educação Ambiental.

[...] processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Neste contexto, a pesquisa em questão tem como objetivo identificar a concepção de Educação Ambiental dos professores do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola privada de Campo Grande – MS. O estudo tem uma abordagem qualitativa e se caracteriza como um estudo descritivo e explicativo. Os dados, levantados por meio de um questionário tiveram uma análise textual qualitativa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A questão ambiental está presente no cotidiano da sociedade contemporânea e tem representado um novo desafio para prevenção da qualidade de vida da humanidade (ABREU et al., 2008).

Algumas décadas atrás pouco ou nada se falavam sobre a relevância que o meio



ambiente abrangia na sociedade moderna, foi a partir da Conferência de Estocolmo em 1972 que as questões ambientais foram tidas como políticas e necessitavam de maior atenção de países influentes da época. (BIZERRIL; FARIA, 2001)

No Brasil, as abordagens sobre as questões ambientais começaram com a Lei Nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, composto por 21 artigos.

Já no âmbito educativo deu-se início no ano de 1996 na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) com uma abordagem voltada para a consciência global de meio ambiente:

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a EA deve ser desenvolvida com o objetivo de auxiliar os alunos a construírem uma consciência global das questões relativas ao meio ambiente. Ainda que em 1999 tenha sido aprovada a Política Nacional de Educação Ambiental (Lei 9.795; regulamentada pelo decreto 4.281 em 2002), que torna obrigatória a EA em todos os níveis de ensino, incluindo o ensino superior, é comum encontrar na maioria dos trabalhos sobre EA referência à escola básica. (ABREU et al., 2008, p. 688).

No campo da educação, uma das formas de trilhar o caminho da EA é trabalhar o conhecimento considerando a diversidade de cenários e a possibilidade de diferentes interpretações destes cenários podendo proporcionar a interação de diferentes saberes, por meio de várias portas para a apreensão de significados e conhecimentos. (SEGURA, 2001).

Segundo Tânia Effting (2007), toda essa importância da temática ambiental, visão integrada do mundo, no tempo e no espaço, sobressaem-se as escolas, como espaços privilegiados na implementação de atividades que devem ser voltadas a percepção ambiental em um âmbito primeiramente regional e posteriormente global.

Sato e Carvalho (2008) ressaltam que a educação possui uma fórmula sagrada da mudança social e transformações coletivas, o que de fato acontece, pois a educação como um todo deve ser uma troca, uma experiência mútua para a plena satisfação e assim partir do princípio para uma percepção futura da educação ambiental.

A Educação Ambiental segundo Andrade (2012, p. 10), “pode contribuir para a consolidação da educação escolar [...] promovendo que o indivíduo compreenda a natureza e aquilo que é criado pelo homem” se for trabalhada de maneira interdisciplinar.

Corroborando, Reigota (1994) insere um importante parecer observando que a Educação Ambiental não deve estar baseada na transmissão de conteúdos específicos, já que não existe um conteúdo único.

Sato e Carvalho (2008), destacam que o educador ambiental tem um perfil



comprometedor e dinâmico, pois vai muito além da sala de aula, porque ensinar, educar e lecionar sobre o meio ambiente é uma tarefa para poucos. Para as autoras a educação ambiental não é uma tarefa inocente isenta de intencionalidades e propósitos e nem se trata de ensinar às crianças como o mundo anda mal e nem tampouco ocultá-lo.

Segundo Segura (2001), no âmbito da escola o esforço de construir uma nova sociedade, obviamente com resultados a médio e longo prazos, implica na adoção, por parte dos educadores, e da comunidade escolar, de uma postura crítica diante da realidade, sem a qual não é possível empreender a transformação social.

A transformação emancipatória de docentes e alunos não é um resultado em curto prazo conforme explicado por Segura (2001). De acordo com autora é preciso primeiramente estudar a relação ambiental que estas pessoas possuem com seu fundamento mais básico, a compreensão ecológica e natural da vida e dos seres que as cercam.

A EA nas escolas é um instrumento a serviço da sociedade, pois a sala de aula é um ponto de referência para a construção do indivíduo para que se comunique com o meio social. A educação Ambiental é uma prática transformadora que reestrutura o processo educativo vigente que atualmente é fragmentado e superficial (ANDRADE, 2012).

Entretanto, a análise da gestão da Educação Ambiental revela uma realidade preocupante e contraditória com os princípios gerais e participativos da EA proclamados e consensuados em todos os documentos nacionais e internacionais disponíveis e divulgados nos últimos 30 anos. (LOUREIRO; COSSÍO, 2007).

Os trabalhos encontrados de EA na escola básica apresentam diferentes abordagens e entendimentos do conceito de Educação Ambiental (DIAS, 1993). A confusão conceitual traz prejuízos para prática que já foram detectados como, por exemplo, restringir a educação ambiental a uma disciplina do currículo. Segundo Dias (1993, p. 58), ao longo dos anos um dos conceitos que foi se edificando é aquele que restringe a Educação Ambiental ao ensino das ciências ambientais com uma percepção de que é “simplesmente uma nova educação com discurso progressista”.

Tristão (2004), coloca que dessa maneira pouco se ensina e pouco se aprende e é necessário desmistificar que apenas o professor de ciências é o responsável por aplicar os conceitos ambientais uma vez que toda a sociedade vive em um meio e por tanto deve ser preservado e entendido por todos ali presentes.

Com o tempo, os educadores ambientais foram se dando conta que, da mesma maneira que existem diferentes concepções de natureza, meio ambiente, sociedade e



educação, também existem diferentes concepções de EA. Sendo assim, ela deixou de ser vista como uma prática pedagógica monolítica, e começou a ser entendida como plural, podendo assumir diversas expressões. (LAYRARGUES; LIMA, 2014). Os autores também ressaltam que o desenvolvimento da prática educativa se ramifica de acordo com a área de conhecimento, percepções e formações profissionais de seus protagonistas.

Os termos meio ambiente e educação ambiental constantemente utilizado tanto em meios de comunicação como nos discursos políticos, livros didáticos, músicas e outras fontes demonstram uma grande diversidade conceitual, possibilitando diferentes interpretações, muitas vezes, influenciadas pela vivência pessoal, profissional e pelas informações veiculadas na mídia, que vão refletir nos objetivos, métodos e/ou conteúdo das práticas pedagógicas propostas no ensino” (REIGOTA, 1991, p.59).

Com a intenção de representar com maior fidelidade a realidade observada, foram criadas denominações para diferenciar a prática educativa, que já continha em seu nome uma adjetivação qualificadora, o ambiental. Nesse sentido, o processo analítico identificou então várias denominações para educação ambiental: Humanista, Conservacionista, Sistêmica, Problematicadora, Naturalista, Científica, Moral, Biorregionalista, da Sustentabilidade, Crítica, Etnográfica, Feminista, entre outras possibilidades nos contextos nacionais e internacionais (SAUVÉ, 2005).

No campo da educação, uma das formas de trilhar o caminho da EA é trabalhar o conhecimento considerando a diversidade de cenários e a possibilidade de diferentes interpretações destes cenários podendo proporcionar a interação de diferentes saberes, por meio de várias portas para a apreensão de significados e conhecimentos. (SEGURA, 2001).

Segundo Saviani (2005), o sujeito ecológico é uma pessoa que pensa com e em prol do meio em que vive começando em uma escala local ao ponto de futuramente desenvolver processos globais e assim tornando-se de fato o sujeito ambiental natural.

Para intervir do modo mais apropriado, o educador deve levar em conta as múltiplas facetas dessa relação, que correspondem a modos diversos e complementares de apreender o meio ambiente (SAUVÉ, 2005).

3. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa e se caracteriza como um estudo descritivo e explicativo. Segundo Lüdke e André (1986, p.13), a pesquisa qualitativa “vêm ganhando crescente aceitação na área de educação, devido principalmente ao seu potencial para estudar as questões relacionadas à escola”.

Ainda segundo as autoras, enquanto a investigação quantitativa utiliza dados de



natureza numérica que lhe permitem provar relações entre variáveis, a investigação qualitativa utiliza principalmente metodologias que possam criar dados descritivos que lhe permitirá observar o modo de pensar dos participantes numa investigação.

Os dados foram coletados por meio de questionários que segundo Lakatos e Marconi (1991, p.201), representa “um instrumento de coleta de dados, construído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. O instrumento foi elaborado com 14 questões abertas com objetivo de identificar a concepção de Educação Ambiental dos professores. Os dados foram analisados a partir da tabela de Sauv  (2005) e autores que trabalham com a perspectiva da Educa o Ambiental crítica que estão citados no referencial teórico do presente artigo.

A institui o escolar, *locus* da pesquisa,   privada e está localizada em Campo Grande – MS. Oferece o Ensino Fundamental I e II, atende cerca de 350 alunos e conta com um corpo docente de 20 professores. Sua infraestrutura atende com conforto a quantidade de alunos dividindo as salas de aulas em dois andares, possui 2 biblioteca, 2 quadras de esporte, 1 laboratório e vários pátios.

Participaram da pesquisa 5 professores que ministram as disciplinas de história, geografia, matemática, letras e artes para o 7^o ano do Ensino Fundamental. No Quadro 1 apresentamos as informa es sobre a forma o e tempo de profissão com a finalidade de traçar o perfil dos docentes.

Quadro 1: Perfil dos professores sujeitos da pesquisa

Professores	Forma�o	Idade	Tempo de profissão
Professor 1	História/Geografia	23 anos	1 ano
Professor 2	Matemática	45 anos	12 anos
Professor 3	Pedagoga	44 anos	9 anos
Professor 4	Letras	58 anos	40 anos
Professor 5	Artes	54 anos	29 anos

Fonte: Produ o do autor (2021)

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO



Com a finalidade de levantar a concepção dos professores perguntamos o que eles entendiam como Educação Ambiental. Listamos abaixo as respostas e em seguida fazemos algumas reflexões.

“Maneiras de ensinar métodos de como preservar o meio ambiente e evitar os problemas, mostrar que nossas ações influenciam nas próximas gerações”. (Professor 1)

“É uma ação educativa que visa conscientizar sobre a realidade existente na natureza”. (Professor 2)

“São os processos pelos quais os indivíduos e a coletividade constrói valores sociais, conhecimentos, habilidades e competências voltadas para a conservação do meio ambiente”. Professor 3 “

Prevenção e cuidados”. (Professor 4)

“Formar indivíduos preocupados com os problemas ambientais”. (Professor 5)

A fala do professor 1 e do professor 3, apresentam definições características de uma concepção de educação crítica. Inclusive o professor 3 cita a definição da Lei 9.795/99. Nesses trechos percebemos que o entendimento do professor é que a Educação Ambiental não se restringe a preservar o meio ambiente e conhecer os problemas existentes, mas, ir além, transformar valores e comportamento para conservação do meio ambiente pensando no futuro.

Mesmo não conhecendo a prática do professor número 3, podemos levantar a hipótese de que ele trabalha com uma perspectiva crítica, que concebe a educação como um processo de instrumentalização dos sujeitos para a prática social transformadora, exemplificado por Saviani (2005) ao falar do despertar do sujeito ecológico.

Com a pesquisa constatou-se o que é apresentado por Dias (1993), a existência de diferentes concepções de Educação Ambiental nas escolas. Os sujeitos do nosso estudo se enquadram nesta categoria e demonstraram possuir conhecimentos da área, alguns com mais profundidade e outros menos.

De acordo com Sauvê (2005), os professores 2, 4 e 5 apresentam uma concepção conservacionista/recursista. Em suas falas percebe-se a preocupação com os recursos naturais e os problemas existentes *“Formar indivíduos preocupados com os problemas ambientais, define o professor 5”*. Com esse entendimento, objetivo do professor é trabalhar os problemas que ocorrem no meio ambiente, incluindo a poluição ambiental e a escassez da água e o que pode ser feito para minimizar os impactos para conservação dos



recursos naturais.

Os entrevistados, seguindo os seus conhecimentos e conceitos de Educação Ambiental, afirmaram que trabalham a Educação Ambiental em suas aulas. “*Na disciplina de Geografia sim, porém o conteúdo tiver alguma relação*”, destacamos afirmação do professor 1 pelo fato de destacar que trabalha somente se houver alguma relação com o conteúdo. Mas, entendemos que a disciplina de geografia é uma ciência que estuda o conjunto de fenômenos naturais e humanos, sendo que este conceito é um dos alicerces para prática da Educação Ambiental e formação do sujeito ecológico (CASTELLAR; SEFERIAN, 2014).

O professor 3, reforçando sua concepção crítica de Educação Ambiental, afirma que “*trabalha quase em todas as matéria*”. O professor 2 restringiu sua prática a questão da reciclagem. Esta é uma modalidade muito presente no ambiente escolar, dos artigos encontrados no levantamento bibliográfico realizado para essa pesquisa, três citam o tema lixo e reciclagem como desenvolvido pelos professores.

Em relação a dificuldade em trabalhar a EA, é preocupante a afirmação do professor 2 que apresenta “*a falta de conhecimento do aluno*” como uma dificuldade. É um tanto incoerente, uma vez que, um dos papéis do professor é justamente ensinar/orientar os estudantes. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), a “EA deve ser desenvolvida com objetivo de auxiliar os alunos a construírem uma consciência global das questões relativas ao meio ambiente”. Sendo assim, os alunos não terem conhecimento não pode ser uma dificuldade e sim um incentivo a mais para o professor.

Já o professor 3 apresenta a “*falta de passeios*” como uma dificuldade. As metodologias embasadas em atividades práticas despertam o interesse do aluno e promovem uma interação de diferentes saberes. O professor 4 não relatou dificuldades em trabalhar com EA e utiliza a mídia como um aliado para trabalhar a Educação Ambiental, já o professor 1 sente falta de formação continuada e o professor 5 coloca a “*resistência de certas pessoas*” como dificuldade. Com base na maioria das respostas podemos entender uma carência de apoio da gestão escolar ao estimular e promover a inclusão de práticas pedagógicas que retirem os alunos da sala de aula e ofereça formação.

No conhecimento sobre a lei ambiental os professores 3 e 4 alegaram conhecer a Política Ambiental. Já os demais professores responderam não ter conhecimentos específicos. Quando questionados se a EA deveria ser uma disciplina responderam:

“*Não. Porém, deve haver projetos nas escolas com a participação direta dos pais,*



para que toda a comunidade escolar possa aprender”. (Professor 1)

“Sim, pois se trata e deve ser abordado como tema interdisciplinar, abrangendo todas as áreas do conhecimento”. Professor 2 “Não, pois já é interdisciplinarizada”. (Professor 3)

*“Não há essa necessidade, desde que se trabalhe a interdisciplinaridade”.
(Professor 4)*

*“Sim. Para que todos aprendam a respeitar e valorizar o planeta que vive”.
(Professor 5)*

Analisando as respostas percebemos que os professores que desconhecem a Política Nacional de Educação Ambiental defendem a criação de uma disciplina de EA para trabalhar. A falta de conhecimento fica evidente com o professor 2 quando afirma a necessidade de ter uma disciplina e que ela seja desenvolvida de maneira interdisciplinar abrangendo todos os conhecimentos. Os três entrevistados demonstraram informações equivocadas sobre o que é e qual objetivo da Educação Ambiental. O professor 1 traz a ideia de que a Educação Ambiental deve ser trabalhada por meio de projetos e que envolva inclusive os pais dos alunos. A inserção da Educação Ambiental nas escolas ocorre com mais frequência por meio da realização de projetos que são desenvolvidos por dois ou três professores e na maioria das vezes são coordenados pelos professores de ciências.

Em relação ao interesse de participar de uma formação sobre Educação Ambiental, todos demonstraram disposição em aprender mais sobre a temática. Destacamos a resposta do professor 1, *“Sim. Pois irá contribuir não só na minha formação, mas também influenciará nos alunos em sala”*, porque destaca a função do professor de “influenciar” os alunos. Sato e Carvalho (2008) destacam que a Educação Ambiental não é uma tarefa inocente isenta de intencionalidades e propósitos e nem se trata de ensinar às crianças como o mundo anda mal e nem tampouco ocultá-lo, exige do professor um perfil comprometedor e dinâmico.

Água, sustentabilidade, efeito estufa e horta, foram alguns dos temas que os professores destacaram ter interesse em aprender durante sua formação. Tratam-se de assuntos atuais que estão relacionados com o cotidiano e podem ser explorados por todas as disciplinas por meio de diferentes atividades pedagógicas. A lei 9.795/99 que institui a Política Nacional da Educação Ambiental prevê que os professores em serviço devem receber formação em Educação Ambiental e que a instituição escola deve incentivar e promover.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo foi possível verificar a concepção de Educação Ambiental dos professores de uma escola privada de Campo Grande – MS. As informações levantadas apontam para a necessidade dos professores participarem de formações específicas de educação ambiental, pois ficou clara a falta do entendimento do conceito de EA. Porém, o conhecimento dos professores sobre Educação Ambiental não se difere da maioria das pesquisas levantadas. De acordo com os dados eles até tentam trabalhar em sala de aula, mas, a prática se limita a uma educação ambiental conservadora que focada nos impactos ambientais e práticas de reciclagem. A Educação Ambiental crítica que propõe a constatação do problema, a reflexão local e global para uma transformação, ainda não está sendo alcançada.

É importante destacar o interesse e abertura dos professores em aprender, se mostraram dispostos e sinalizaram os assuntos de maior interesse. A escola na qual os sujeitos trabalham é pequena e com um corpo docente enxuto o que pode facilitar abordagem do tema e a inserção da prática de maneira interdisciplinar.

Por fim, como a pesquisa possibilitou o levantamento de algumas dificuldades enfrentadas pelos docentes para trabalhar com Educação Ambiental, recomendamos que a instituição escolar elabore uma proposta de formação para os professores e gestores da escola, considerando as características da comunidade escolar para a inserção da Educação Ambiental como preconiza a Política Nacional de Educação Ambiental.

6. REFERÊNCIAS

ABREU, G. Daniela; CAMPOS, Maria, L. A. M; AGUILAR, Márcia, B. R. Educação ambiental nas escolas da região de Ribeirão Preto (SP): Concepções Orientadoras da Prática docente e reflexões sobre a formação inicial de professores de química. **Quim. Nova**: revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto v. 31, n. 3, 688-693, 2008. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-40422008000300037&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 ago. 2015.

ANDRADE, Keila Maria de Alencar Bastos. **Educação ambiental**: a formação continuada do professor. Jundiaí: Paco editorial. 2012. 184 p.

BIZERRIL, Marcelo X. A. e FARIA, Dóris S. Percepção de professores sobre a educação ambiental no ensino fundamental. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 82, n. 200/201/202, p. 57-69, jan./dez. 2001.

BRASIL. **Lei Federal nº 9.795**, de 27 de abril de 1999: Dispõe sobre educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: HTTP://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.html. Acesso em: 19 out. 2016.



BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: temas transversais**. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

CASTELAR, Sonia; SEFERIAN, Ana Paula G. **Projeto Athos – Geografia**: 2 ed. São Paulo. FTD. 2014.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. São Paulo. Gaia, 1993.

EFFTING, Tânia, R. **Educação Ambiental nas Escolas Públicas: Realidade e desafios**. 2007. Originalmente apresentado como Especialização de Pós graduação da Universidade do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2007. Disponível em: <<http://ambiental.adv.br/ufvjm/ea2012-1monografia2.pdf>>. Acesso em: 9 ago. 2016.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991, 270 p.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. **Ambient. soc.**, São Paulo , v. 17, n. 1, p. 23-40, mar. 2014 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2014000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 1 nov. 2016.

LOUREIRO, Carlos Frederico B.; COSSÍO, Maurício F. Blanco. Um olhar sobre a educação ambiental nas escolas: considerações iniciais sobre os resultados do projeto “O que fazem as escolas que dizem que fazem educação ambiental? **Vamos cuidar do Brasil**: conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Brasília: Ministério da Educação, 2007. p. 57-64.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986.

MAZZARINO, J.M.; ROSA, D.C. Práticas pedagógicas em Educação Ambiental: O necessário caminho da auto-formação. *Ambiente & educação*. 2013; 18(2): 121-144.

OLIVEIRA, Lessa. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Travessias**. Cascavel, v. 02, n. 03, 2008. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3122>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo, Cortez, 1994.

SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel. **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. 1. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SAUVÉ, Lucie; *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, maio/ago. 2005.

SAVIANI, D. **A pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 9 ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SEGURA, Denise de Souza Baena. **Educação ambiental na escola pública**: da curiosidade ingênua a consciência crítica 1ª edição. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2001. 209 p.

TRISTÃO, Martha **A educação ambiental na formação de professores**: redes de saberes. 1ª edição. São Paulo: Annablume; Vitória: Facitec, 2004.